

## ABRAÃO E EZEQUIEL

Abraão , toc-toc, toc-toc, fazia seu martelo diferente empurrar mais uma tacha que adentrava um pequeno pedaço de couro – biqueira – que completava a troca já feita do salto daquele sapato batido, sovado, mas insubstituível. O tacão e o remendo – seria melhor trocar a meia-sola, ao freguês argumentara Abraão, sem sucesso – já se constituíam numa despesa considerável para o vendedor ambulante que, naquele dia, fazia seu itinerário com chinelos – grotescas tiras de couro pregadas à grossas lâminas de couro no formato de um pé.

Num conjunto de casas velhas, Abraão montara, havia anos, seu negócio, uma oficina para conserto de sapatos e alguns outros artigos em couro. Era sapateiro. Ajustara seu nome, seu falar e sua atividade principal dos tempos da Europa distante, à nova terra onde já tinha filhos que falavam com naturalidade a língua local – uma barreira que ele se empenhava em superar, com pouco sucesso.

Dividia, Abraão, o pequeno espaço de trabalho com um conterrâneo que mantinha uma funilaria. De certa forma, era bom aquele arranjo, pois tinham de pagar aluguel. Ficava muitas vezes incomodado porque, embora a origem, a viagem no mesmo navio para o destino comum, e especialmente motivação religiosa semelhante, divergiam muito. Parecia, às vezes, que, pequeno como era seu mundo ali naquele conjunto de oficinas, naquele bairro estigmatizado, não obstante ergueram cada qual seu universo de dissensões, que os deixava, não raramente, semanas sem falarem além do imperioso a seu negócio em ambiente comum.

Abraão notou, certa feita, que aquele homem, mais ou menos de sua idade, com a pele escura como jamais vira alguém lá nas terras geladas de onde viera, estava parado novamente à frente da oficina, com o jeito e olhar que bem conhecia, porque esse era o jeito e o olhar que tinha, quando surgiu a oportunidade de emigrar para o sul da América, para uma pequena vila de nome complicado, e não para os locais que enchiam a boca e iluminavam os olhos dos amos emigrantes. Era próximo do meio-dia, e surpreendeu-se com a atitude que adotou – convidou aquele homem para que partilhasse o pobre almoço que, como sempre, Sara havia preparado de véspera.

Soube, então, que seu convidado chamava-se Ezequiel. Notou que era de

poucas palavras, mas falava o bastante para usar a oportunidade e tentar convencê-lo a dar-lhe alguma tarefa. Abraão era consciente de que não podia partilhar sua modesta renda, agregando um auxiliar. O negócio iam bem, em verdade até uma bancada vazia ocupava certo espaço na oficina; mas daí a fazer alguém sentar-se nela ia uma certa distância. Feitas estas considerações e outras, não fechou a porta àquele homem.

Em casa, Abraão não teve coragem de contar os eventos daquele dia para Sara. Limitou-se a regressar à sua terra natal, e estar de novo nas reuniões que freqüentara com alguns amigos, dentre os quais não se incluía o funileiro. Seus antigos haviam sofrido ao longo dos anos com os contratos de servidão. Graças a um avô, tinha uma nítida compreensão de deveres comuns.

Repartiu, ainda no dia seguinte, já ante ao olhar enviesado do funileiro, a comida caseira, e conferiu uma tarefa externa a Ezequiel. Levar dois pares de sapatos consertados, na casa de um desembargador. Com a refeição, Abraão pagara o trabalho, mas Ezequiel se havia remunerado com uma inesperada gorjeta, que foi informada a Abraão.

Ezequiel tornou-se o entregador da sapataria, o que lhe garantia uma refeição por dia e, muito comumente, pequenas gorjetas que levava para casa e que se somavam ao orçamento familiar da pequena comunidade, que vivia num cortiço, postado a uma caminhada a pé, dali da sapataria.

Não foi de todo surpresa quando, instado reiteradamente por Ezequiel, Abraão apareceu para almoçar, num domingo, no gueto de casas de madeira geminadas onde morava seu auxiliar. Tampouco causou espanto a facilidade com que aquele homem branco – branco mesmo! – com cabelos tão finos que pareciam fios de seda importada; sim o homem branco se misturou com a nação africana, e comeu de sua comida – com prazer –, e bebeu de sua bebida primitiva – com gosto – e, tagarelou – com desembaraço, em seu linguajar arrevesado.

Mais que tudo, sem dúvida, Abraão passou a imagem registrada por perspicazes velinhos negros de cabeças brancas: ali estivera alguém que superara os estreitos limites dos preconceitos porque não apenas sabia das histórias de sofrimento comum, mas mais do que delas ter conhecimento, ele as compreendia.

Fevereiro de 2002 (décimo da série)